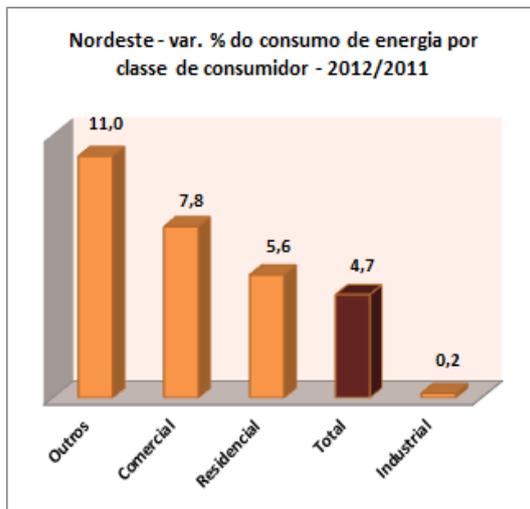


Infraestrutura - Energia Elétrica

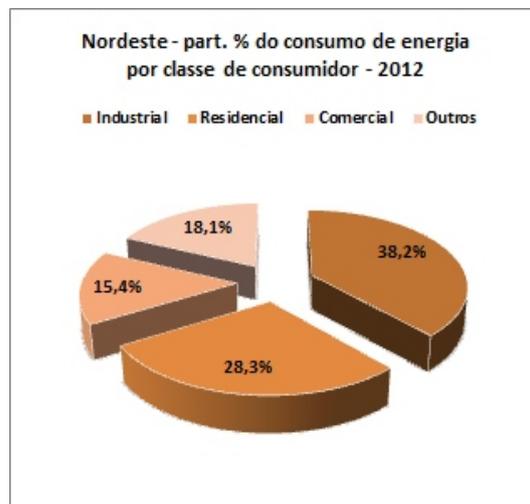
Consumo de Energia no Nordeste em 2012

Dados da Empresa de Pesquisa Energética (EPE) informam que o Nordeste fechou 2012 registrando uma expansão de 4,7% no consumo total de energia elétrica em relação a 2011, o terceiro melhor desempenho entre as regiões e bem mais que o crescimento de 1,0% registrado no ano anterior, quando foi o menor do país.

Esse comportamento foi impulsionado pelos consumos comercial, com crescimento de 7,8%; pelo residencial, com 5,6%; e por outros¹, com 11,0%. O crescimento do consumo industrial foi de 0,2%.

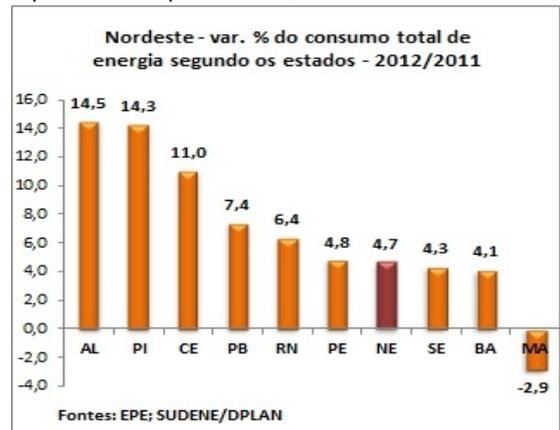


A participação das classes de consumo no total regional seguiu o seguinte perfil: indústria, 38,2%; residencial, 28,3%; outros, 18,1%; e comercial, 15,4%.

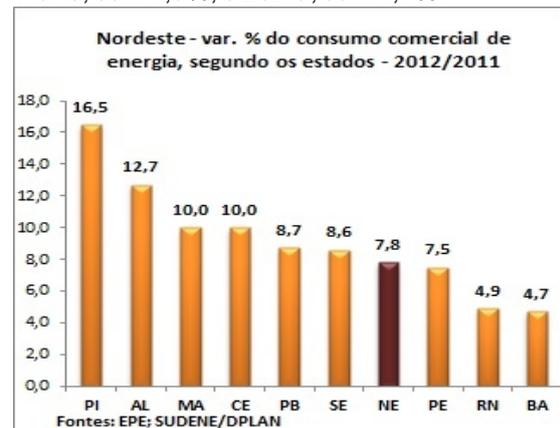


¹ A classe outros agrega o segmento rural, poderes públicos, serviços e iluminação pública, e o consumo próprio das concessionárias do setor.

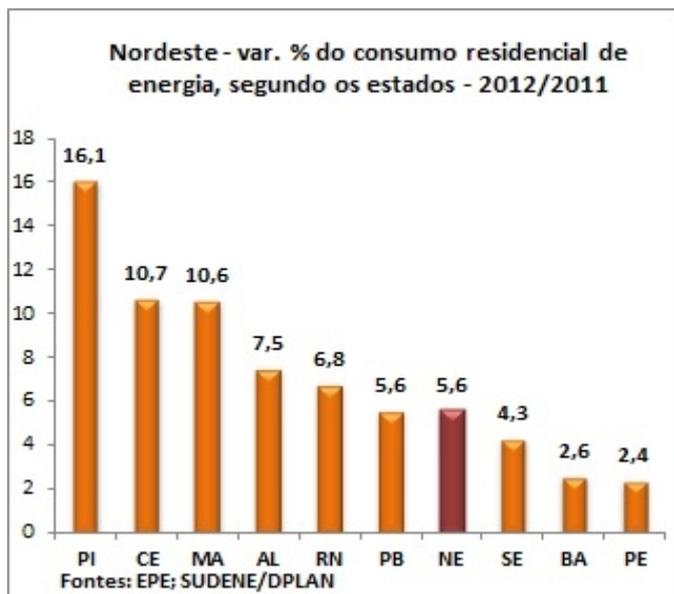
A contribuição estadual para o desempenho regional no consumo total de energia obedeceu à seguinte ordem: Alagoas, com 14,5%; Piauí, com 14,3%; Ceará, com 11,0%; Paraíba, com 7,4%; e Rio Grande do Norte, com 6,4%. A seguir, Pernambuco, com 4,8%; Sergipe, com 4,3%; e Bahia, com 4,1%. O Maranhão apresentou queda de 2,9%.



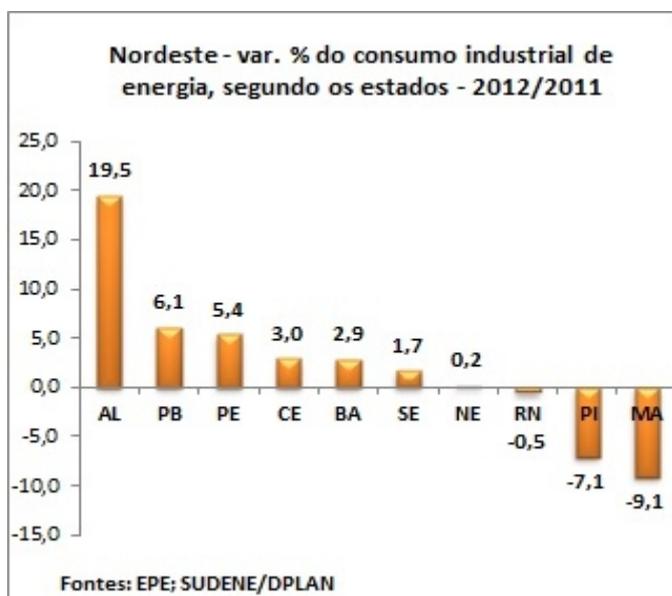
O consumo comercial foi a classe que revelou as taxas mais expressivas: Piauí, com 16,5%; Alagoas, com 12,7%; Maranhão e Ceará, com 10,0%; Paraíba, com 8,7%; e Sergipe, com 8,6%. Abaixo da média ficaram Pernambuco, com 7,5%; Rio Grande do Norte, com 4,9%; e Bahia, com 4,7%.



O consumo residencial ficou a seguir em magnitude dos crescimentos, com alguma semelhança em relação ao consumo comercial: Piauí, com 16,1%; Ceará, com 10,7%; Maranhão, com 10,6%; Alagoas, com 7,5%; e Rio Grande do Norte, com 6,8%. Seguidos pela Paraíba, com 5,6%; Sergipe, com 4,3%; Bahia, com 2,6% e Pernambuco, com 2,4%.



Por último, o consumo industrial continua revelando níveis baixos de crescimento. A taxa de 0,2% da região foi proporcionada pelos crescimentos de estados como o Ceará, com 3,0%; Paraíba, com 6,1%; Pernambuco, com 5,4%; Alagoas, com 19,5%; Sergipe, com 1,7%; e Bahia, com 2,9%, no que pese o fato de que uma parte desses estados tenha somente recuperado a perda sofrida em 2011.

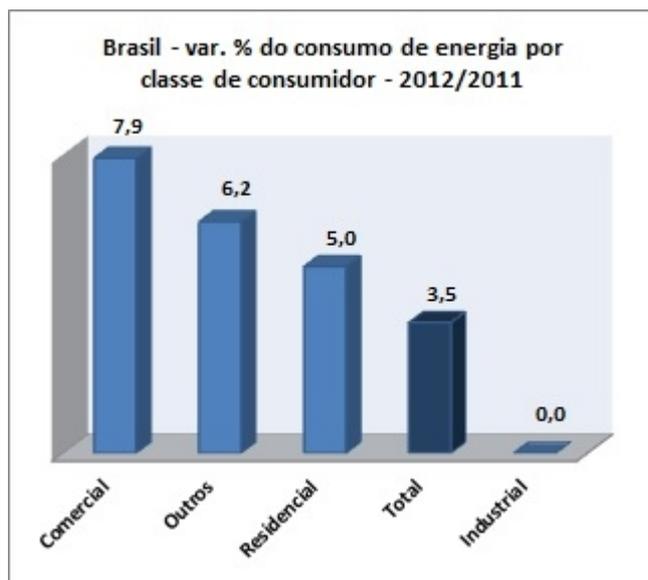


Segundo a EPE, os crescimentos de Alagoas e Bahia, além de refletirem um resultado influenciado por uma base frágil, deveu-se, também, à retomada da indústria química.

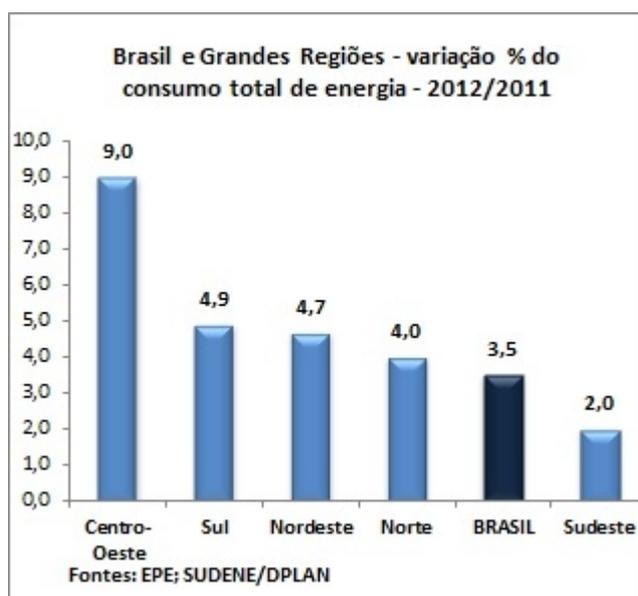
De fato, em 2011, esses estados viram seu consumo industrial retroceder 9,7% e 14,2%, respectivamente, em relação a 2010.

Consumo nacional de energia

No país, o consumo de energia cresceu 3,5%, traduzido pela evolução de 433.034 GWh para 448.293 GWh, um acréscimo absoluto de 15.259 GWh, alavancado pelo comercial (7,9%), residencial (5,0%) e outros (6,2%). O industrial permaneceu inalterado (0,0%).



O desempenho nacional foi impulsionado pelos comportamentos do Centro-Oeste (9,0%), Sul (5,3%), Nordeste (5,1%) e Norte (4,0%). O Sudeste (2,0%) ficou abaixo da média nacional.



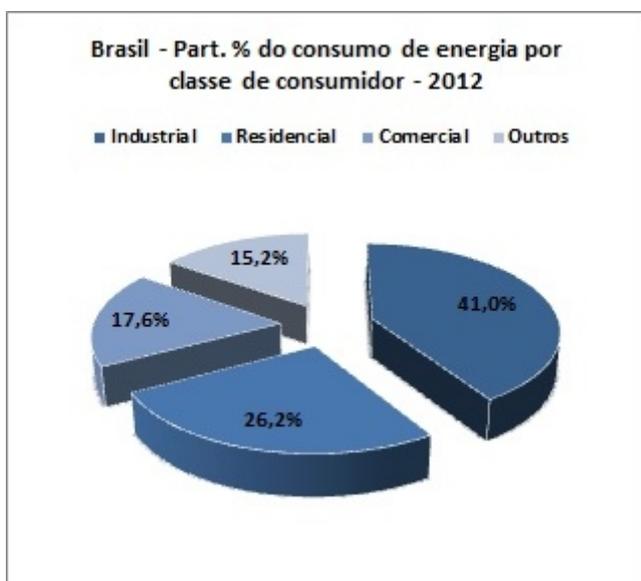
Quanto à performance do Centro-Oeste contribuíram os consumos industrial, com 11,6%, e comercial, com 9,2%. O residencial, com 8,2%; e outros, com 6,6% ficaram abaixo da média.

No Sul, os consumos comercial, com 8,8%; residencial, com 5,4%; e outros, com 6,5%. O industrial ficou abaixo da média, com 2,2%.

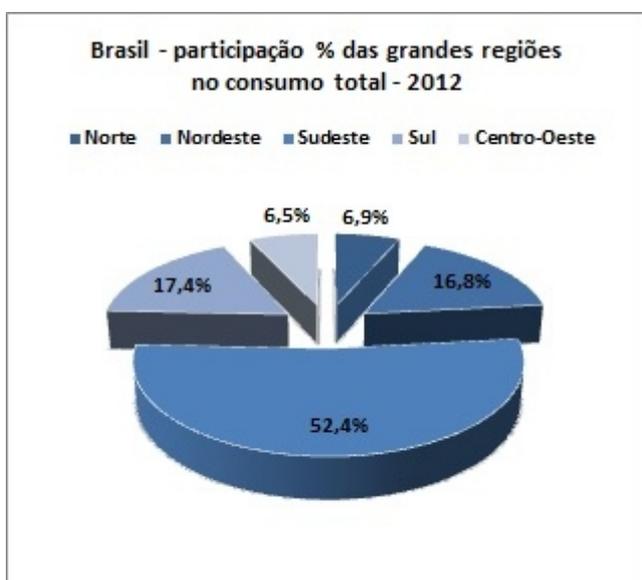
No Norte, os consumos comercial, com 11,4%; residencial, com 9,2%; e outros, com 6,0%. O industrial apresentou queda de 0,8%.

No Sudeste, os consumos comercial, com 7,2%; residencial, com 3,8%; e outros, com 3,9%. O industrial apresentou queda de 1,6%.

No Brasil, a indústria foi responsável por 41,0% do consumo total de energia; a residencial, por 26,2%; a comercial, por 17,6%; e outros, por 15,2%.



As grandes regiões participam no consumo nacional de energia da seguinte forma: Norte, 6,5%; Nordeste, 16,8%; Sudeste, 52,4%; Sul, 17,4%; e Centro-Oeste, 6,9%.



Conclusão

Nos últimos anos o consumo total de energia elétrica tem sido fortemente influenciado pelos comportamentos positivos dos consumos residencial e comercial, em praticamente todas as regiões do país, como reflexo das medidas de estímulo implementadas pelo governo federal, principalmente em relação à renda das famílias, repercutindo no comércio e na habitação.

A redução do desemprego, o aumento real do salário mínimo, a expansão das transferências de renda, a política de crédito imobiliário e os programas Minha Casa Minha Vida e Luz para Todos contribuíram para ampliar o tecido social expandindo a classe média e incorporando-a ao mercado consumidor de energia elétrica, aumentando o número de ligações residenciais.

Alguns números comprovam a boa fase do comércio e dos serviços:

a) segundo a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE, o varejo no país cresceu 8,4% no ano passado;

b) no segmento de shopping centers, a área construída ampliou-se em 860 mil m², ou cerca de 8%, de acordo com a Associação Brasileira de Shopping Centers (ABRASCE);

c) de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do MTE, o setor serviços, foi responsável por mais da metade da oferta de empregos criados no país;

d) o fluxo de passageiros nos aeroportos do país cresceu 6,5%, de acordo com a Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (INFRAERO), repercutindo no aumento de consumo de energia dos segmentos de alimentação e alojamento.

Corroborando com o que foi observado anteriormente, a EPE ressalta que o número de ligações à rede elétrica depende de variáveis demográficas, como população, número de domicílios e número de habitantes por domicílio. O consumo médio por consumidor apresenta correlação com a renda. Assim, o mercado de trabalho aquecido, o aumento da renda real e a disponibilidade de crédito explicam o aumento de 5,6% no consumo residencial de energia e de 3,7% no número de consumidores residenciais no Nordeste.

De acordo com a entidade, nos últimos anos, 35% das novas ligações de consumidores no país se fizeram no Nordeste. Entre 2005 e 2008, somente o Programa Luz para Todos foi responsável por 37,8% das novas ligações na região, o que mostra a importância deste tipo de programa para a inclusão elétrica.

A presença de refrigeradores e televisores nos lares nordestinos cresce, em média, 6,5% ao ano contra a média nacional de cerca de 3,0%. Estes produtos são responsáveis por cerca de 30% do consumo de energia de uma residência.

Entretanto, a EPE tem identificado uma diminuição no ritmo de crescimento ao longo dos últimos dois anos tanto em termos de consumo residencial como no número de novas ligações, considerando-se que o consumo residencial leva em conta o consumo de energia residencial total e o número de consumidores residenciais.

Apesar da aquisição de eletrodomésticos vir crescendo desde 2005 o consumo médio residencial tem diminuído.

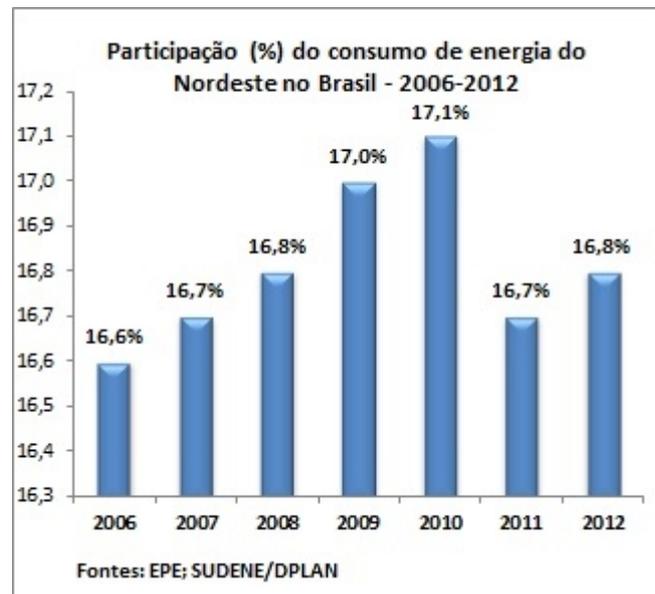
Se por um lado a inserção crescente de equipamentos de maior eficiência nos lares pode explicar a queda no consumo residencial médio, por outro, acredita-se que o ritmo mais fraco de crescimento no consumo residencial se deveu em grande parte à diminuição do uso de aparelhos de climatização, em razão do clima dos últimos anos ter-se mostrado mais ameno. Isso acabou influenciando no consumo residencial médio.

Os aparelhos de climatização são os grandes responsáveis pela variação de consumo residencial, podendo responder por cerca de 70% do consumo doméstico.

Conclui-se, então, que em virtude da sua eficiência não será tanto o aporte cada vez maior de equipamentos elétricos nos domicílios, alguns em substituição a eletrodomésticos antigos e menos eficientes, que responderá pelas variações no consumo residencial médio mas o uso daqueles utilizados para neutralizar aumentos de temperatura.

Quanto ao consumo industrial de energia elétrica, este tem refletido o desempenho da própria atividade. Na última década, enquanto as vendas do comércio mais que dobraram, a atividade industrial cresceu apenas 1/3.

Um ponto a destacar foi a tênue retomada de participação do Nordeste em relação ao Brasil, depois do recuo sofrido em 2011, fato que chamou a atenção uma vez que a região vinha em persistente ascensão, passando de 16,6% em 2006 para 17,1% em 2010. Contudo, em 2011 recuou para 16,7%, e em 2012 ensaiou uma leve ascensão na participação para 16,8%, reposicionando a região nos níveis de 2008.



Boletim Conjuntural

Publicação da Diretoria de Planejamento e Articulação de Políticas

Coordenação-Geral de Estudos e Pesquisas de Desenvolvimento

Coordenação de Gestão da Informação para o Desenvolvimento

Outubro/2013

Equipe Técnica

Adonis Oliveira (Coordenador-Geral)
 Albertina de Souza Leão Pereira (Coordenadora)
 José Luis Alonso da Silva (Responsável)
 Audrey Raphaella M. dos Santos (Estagiária)

Revisão e Editoração
 Shirley Dantas Câmara



Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

Dilma Vana Rousseff
 Presidente da República

Francisco José Coelho Teixeira
 Ministro da Integração Nacional

Luiz Gonzaga Paes Landim
 Superintendente da SUDENE

Henrique Jorge Tinôco Aguiar
 Diretor Substituto de Planejamento e Articulação de Políticas

Ministério da Integração Nacional

